

**PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Monday 10 May 2004 (afternoon)  
Lundi 10 mai 2004 (après-midi)  
Lunes 10 de mayo de 2004 (tarde)

1 h 30 m

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

## SECÇÃO A

*Analise e compare os dois seguintes textos.*

*Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.*

### Texto 1 (a)

Novidade no reino da gastronomia e dos regimes para emagrecer: a aposentadoria<sup>1</sup> do fogão. A última palavra em dietas – sim, ainda há o que inventar sobre o assunto – é comer tudo cru. Mas nada de delícias como carpaccios e sashimis<sup>2</sup>. A culinária sem fogo é um vegetarianismo radical. Nela só entram verduras, legumes, frutas e sementes, tudo fresco, orgânico e sem nenhuma passagem pelas panelas. Como é de praxe, a dieta se propagou entre celebridades. A estilista Donna Karan, 54 anos e uma vida de luta contra a balança, perdeu nove quilos em um ano e até contratou um chef<sup>3</sup> para preparar suas iguarias cruas. “Posso ir a dez milhões de restaurantes italianos que não encontro comida tão boa quanto a dele,” exagera. A idéia de rejeitar os pratos quentes – um recuo e tanto no roteiro das conquistas da humanidade, depois das centenas de milênios que nossos ancestrais penaram até domar o fogo – surgiu em meados dos anos 90, na Califórnia, berço de todas as esquisitices, e desembarcou recentemente em Nova York.

A filosofia por detrás do chamado crudismo é de um reducionismo total: prega que a prática melhora o lado emocional, físico, espiritual e mental das pessoas, visto que alimentos crus têm mais “força vital” do que os cozidos, ou de origem animal – estes, ingredientes “mortos” e que podem intoxicar o organismo.

*Revista Veja, 11 de dezembro de 2002 (Adapt.) Brasil*

---

<sup>1</sup> aposentadoria – dispensa

<sup>2</sup> carpaccios e sashimis – respectivamente dois pratos italiano e japonês que se comem crus

<sup>3</sup> chef – um grande cozinheiro

**Texto 1 (b)**

O criador da Obesity Task Force, órgão que monitora o aumento da obesidade no mundo, Philip James, diz que nenhum governo adotou as medidas correctas para atacar o problema.

5 VEJA – Em 1975, o Brasil tinha de dois a quatro casos de subnutrição para cada caso de obesidade. Em 1996, virou: eram dois casos de obesidade para um de fome. A “globesidade”, como o senhor chama, é um problema mais sério do que a fome?

10 JAMES – Existem hoje no mundo 800 milhões de pessoas subnutridas e um bilhão de obesos. Isso é assustador. Há vinte anos assistimos a uma epidemia de proporções nunca vistas na história da humanidade. Não há dúvida de que a fome requer grande atenção política, sobretudo em partes da África, da Índia e da Ásia, onde há imensa pobreza, pessoas abaixo do peso e mortalidade infantil. Mas agora estamos em uma nova fase, a chamada “transição nutricional”, que reúne fome e obesidade em um mesmo país, até em uma mesma cidade. E o pior é que os dois problemas são encarados de forma diferente. Dos famintos sentimos pena, nos comovemos com seu desespero. Dos obesos sentimos menosprezo, achamos que comem demais porque são fracos.

15 VEJA – A obesidade é um problema maior nos países ricos?

20 JAMES – Por enquanto é, sim, mas isso está mudando. Na prática as pessoas pobres são mais obesas do que as ricas, principalmente na América Latina. As pessoas de baixa renda não têm chance de escolher uma dieta de boa qualidade e de se exercitar fisicamente. Sua alimentação é carregada de gordura e açúcar. Quem cresce lutando contra a fome, acaba achando que o mais importante é simplesmente comer. Essas pessoas associam a gordura com riqueza, sonham em ingerir enormes quantidades de carne. Até os programas de governo são afetados por essa visão. Não adianta alimentar as pessoas se a comida não for de boa qualidade.

*Revista Veja, 28 de agosto de 2002, Brasil*

- Comente as diferenças e as semelhanças encontradas nos dois textos no que se refere aos seus objectivos informativos.
- Analise as diferenças e as semelhanças encontradas na forma estrutural que os autores utilizaram para passar a sua informação e justifique.
- Compare os dois textos, no que respeita à superficialidade e/ou profundidade do tema apresentado.

## SECÇÃO B

*Analise e compare os dois seguintes textos.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.*

### Texto 2 (a)

Dobram-se os sinos pela morte do livro. E esse dobre ouve-se por todo o mundo São múltiplas as razões deste triste acontecimento. Mas na base de todas elas está a preguiça. Não é bem um problema do tempo que um livro leva a ler, porque o tempo gasto em frente da TV dava perfeitamente para o tempo de ler. Só que a TV e todos os meios audiovisuais  
5 apela para a nossa passividade. Na leitura há o que vem do livro e o que tem de ir em energia do leitor – memória retentiva<sup>1</sup>, imaginação, atenção. De todo o modo, os livros continuam a vender-se, desde as livrarias paroquiais ou de bairro, às super civilizadas dos hiper-mercados. E isto vai perdurar enquanto a cultura for um sinal de distinção e as bibliotecas forem um sinal desse sinal. Porque o comprar não implica o ler, excepto talvez  
10 os títulos e de que tratam e vem na contra capa. E é pela razão desse sinal de elitismo que se continua a ir aos concertos, quando há discos em casa ou transmissões na TV. Porque se não lê? Há um pequeno empecilho na lógica do audiovisual e é que o cinema também esteja a fechar as suas portas. Temos pois que a luta do audiovisual não é decisiva. Haverá assim outra razão que talvez se possa arranjar com eficácia. E a razão pode ser de  
15 que já nada interessa do que deveria interessar. Assim a crise do livro é uma crise de valores. Os grandes êxitos comerciais de livros para analfabetos são os que fazem largas concessões ao analfabetismo.

Virgílio Ferreira, *Escrever* (2001) Portugal

---

<sup>1</sup> retentiva – com capacidade para guardar

**Texto 2 (b)**

Durante os próximos seis meses quem quiser pode assistir à construção do romance, letra por letra, graças a uma câmara instalada no escritório do autor.

Publicar livros na internet tornou-se uma prática vulgar. Stephen King foi o primeiro, pelo menos entre os escritores, digamos “bestas célebres” – a expressão, creio, é de Alexandre O’Neill – a lançar um livro para ser lido exclusivamente na grande rede. Assim que a editora Simon & Shuster lançou *Riding the Bullet*, logo cerca de 500 mil navegadores se dispuseram a pagar dois dólares e meio para ler o livro nas telas dos seus computadores. Entretanto, foram criadas editoras que apenas publicam textos virtuais. Agora, um escritor brasileiro decidiu dar o passo seguinte: Mário Prata prepara-se para escrever um romance em directo na internet. Significa isto que durante os próximos seis meses, quem quiser pode assistir à construção do romance, letra por letra, graças a uma câmara instalada no escritório do autor. A transmissão das imagens será feita em tempo real. Ver-se-á a tela do computador do romancista exactamente da mesma maneira que ele a contempla enquanto escreve.

Em entrevista publicada nas páginas do servidor que aloja a iniciativa, Mário Pratas confessa o seu maior receio: “Acho que vou ficar mais preocupado com os possíveis erros de ortografia do que com os erros intelectuais.” Eu, sabendo que o meu pensamento poderia estar a ser lido por alguns milhares de pessoas, seria incapaz de concluir uma única linha.

Já é possível, desde há muito tempo, assistir a debates políticos e conferências religiosas; já podíamos ficar sentados, simplesmente, diante do nosso computador a ver passear os carros nas ruas de Nova Iorque, de Lisboa ou de Paris, ou a olhar o mar imenso a partir da janela de uma casa numa praia da Jamaica – quem estivesse com tédio de tudo isso – acompanhar o dia-a-dia de uma população de baratas no laboratório de uma universidade.

Depois da vida, portanto, chegou a vez da literatura. Há quem se assuste com isto. Eu, pelo contrário, estou optimista.

José Eduardo Agualusa, *Revista Expresso*, 11 de Janeiro de 1999, Portugal

- Compare nos dois textos as diferenças de ponto de vista em relação ao mesmo tema.
- Compare e analise a significação da primeira frase do texto 2 (a) e do último parágrafo do texto 2 (b).
- Compare as diferenças de significado do conceito de “passividade” apresentado nos dois textos.